

BAUHAUS, 100 ANOS DE TRADIÇÃO NA ARQUITETURA E NO DESIGN BRASILEIROS

Eduardo Bettoni dos Martyres¹

Karine Steffanie de Moura Laurindo Martins²

Alexandre Silva Wolf³

RESUMO

A Bauhaus fará 100 anos em 2019. Todas as escolas de arquitetura e design no mundo comemorarão essa data devido a importância da criação desta escola alemã, primeiramente em Weimar e depois transferida para Dessau. A Bauhaus e os princípios idealizados por seus professores deram origem ao que posteriormente foi chamado de modernismo na arquitetura e no design. A forma e a funcionalidade foram colocadas a prova a partir dos processos industriais na busca do projetual. Este projeto tem por objetivo localizar pontos de contato entre a filosofia modernista da escola com a produção de expoentes da arquitetura e do design brasileiro. Serão analisados o histórico e a produção de quatro arquitetos-designers com o intuito de perceber os diálogos desde a formação até os resultados mais expressivos de cada um. O contexto da Bauhaus é totalmente diverso do brasileiro, entretanto, os diálogos são possíveis e esses arquitetos-designers propuseram a partir de nossa cultura espaços e objetos ligados a forma, a funcionalidade e aos processos industriais tidos como base do pensamento da escola alemã.

Palavras-chave: Arquitetura. Design. Bauhaus. Modernismo.

¹ Aluno do 5º período do curso de Design da FAE Centro Universitário. Bolsista do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2018-2019). *E-mail*: eduardo.b.martyres@mail.fae.edu

² Aluna do 4º período do curso de Design da FAE Centro Universitário. Voluntária do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2018-2019). *E-mail*: karine.steffanie@mail.fae.edu

³ Mestre em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná. Professor Assistente Mestre da FAE Centro Universitário. *E-mail*: alexandre.wolf@fae.edu.

INTRODUÇÃO

No ano de 2019 comemoramos cem anos da fundação da Bauhaus, escola alemã que existiu por apenas 14 anos e acabou se tornando uma das mais importantes contribuições para a arte e a cultura internacional da modernidade. Por conta da relevância da Bauhaus, o estudo de seus processos metodológicos tem se mantido como tema atraente para aqueles que atuam na área do design e da arquitetura.

A Bauhaus, foi a primeira escola de arte reformadora dentro da República de Weimar, após a Primeira Guerra Mundial. A marca de seu sucesso veio de sua pedagogia e das metodologias inovadoras para a época que foram aplicadas em seu discurso como escola de artes e ofícios. A escola introduziu ainda o uso de novos materiais pré-fabricados, a simplificação dos volumes, geometrização das formas e predomínio de linhas retas, em tudo que era produzido. De acordo com DROSTE,

Em muitas escolas de arte, provou-se ser virtualmente impossível implementar quaisquer reformas; noutras, as reformas foram adiadas, como a de Karlsruhe, ou limitadas quanto ao seu âmbito. À primeira vista, o programa da Bauhaus parecia-se com o ensinado em várias escolas de arte reformadas antes da Guerra: os alunos deveriam receber uma formação artesanal, uma de desenho e outra científica. A novidade reside, contudo, no objetivo global que Gropius estabeleceu para a escola: a estrutura erguida “em conjunto”, à qual todos deveriam contribuir através do “artesanato” (DROSTE, 2006, p. 22).

O estudo da Bauhaus é sempre pertinente aos alunos dos cursos de Design e Arquitetura e Urbanismo. A visão de arte proposta pela escola alemã e, a aplicação desta em processos de criação de objetos de arquitetura e design, ultrapassam as correntes históricas e tornam-se presentes na contemporaneidade. No Brasil a escola influenciou nossa arquitetura, exemplo disso é a nossa capital Brasília – DF, projetada por Oscar Niemeyer, que tem em sua composição a utilização de formas geométricas e cores brancas que fazem referência às influências da escola. Em prédios como da Escola Superior de Desenho Industrial, no Rio de Janeiro, do Instituto de Arte Contemporânea de SP e da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da USP há referências claras à escola alemã. Ao visitar feiras e exposições de design, tendo como exemplo Casa Cor, sempre observamos objetos que fazem diálogo com a escola alemã em forma de releituras ou até mesmo de estudos para criação de peças únicas. A visão funcionalista da Bauhaus influencia hoje o que chamamos de design centrado no usuário e design de experiência, que busca atender a fundo as necessidades daquele que irá estar em contato direto com

o objeto de design e busca de fato sua funcionalidade. Este projeto buscou encontrar esses pontos de contato entre os princípios instituídos pela Bauhaus e a produção de alguns expoentes da arquitetura e do design brasileiro. Para isso analisamos a obra dos brasileiros Oscar Niemeyer e Sérgio Rodrigues e, do português Joaquim Tenreiro e da italiana Lina Bo Bardi, europeus de nascimento mas com suas obras totalmente ligada ao Brasil e a sua cultura.

1 DESENVOLVIMENTO

1.1 OSCAR NIEMEYER

Oscar Ribeiro de Almeida Niemeyer Soares Filho, mais conhecido como Oscar Niemeyer nasceu em 15 de dezembro de 1907 na cidade do Rio de Janeiro e morreu em 05 de dezembro de 2012 com 104 anos na mesma cidade. Foi um dos arquitetos brasileiros mais influentes do século 20, criando e executando mais de 342 projetos arquitetônicos em sua carreira. Recebeu em 1988 o “Prêmio Pritzker de Arquitetura” pelo projeto do prédio do “Palácio do Planalto” na cidade de Brasília. Em 2002 recebeu a honra de ter um museu de arte com projeto de sua autoria e intitulado com seu nome “Museu Oscar Niemeyer” em Curitiba.

Teve sua primeira formação em 1934 como engenheiro arquiteto na “Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro”, que neste período era comandada pelo arquiteto e urbanista Lúcio Costa. Em 1931 com a entrada de Lúcio Costa à frente da direção da escola, é promovida uma reestruturação completa nos moldes da Bauhaus. Niemeyer tendo assim tido uma formação muito próxima aos conceitos criados pela Alemã, sofre segundo Mayer (2003, p.01) uma influência direta em suas obras do arquiteto francês Le Corbusier, mestre da arquitetura modernista, a quem alguns anos depois teria a oportunidade de conhecer e trabalhar em conjunto em projetos do “Ministério da Educação e Saúde (MES)” e da cidade universitária do Rio de Janeiro.

a partir da habilidade na manipulação das idéias e do vocabulário corbusiano, Niemeyer desenvolveria uma linguagem independente e autônoma na qual acrescentaria seus próprios princípios aqueles elaborados por Le Corbusier e transformaria ou reinterpretar princípios corbusianos (MAYER, 2003, p.01).

Niemeyer se forma e logo em seguida é convidado por Lucio Costa a trabalhar em seu escritório, atuando inicialmente sem remuneração e em obras do MES. Em 1937 tem a oportunidade de desenhar seu primeiro projeto sozinho, a “Obra do Berço”, no Rio de Janeiro, que acaba sendo seu primeiro projeto construído. Em 1940 conheceu Juscelino Kubitschek, então prefeito de Belo Horizonte. Este encontro rende o “Conjunto Arquitetônico da Pampulha” composto por obras como a “Igreja de São Francisco de Assis” que já apresentava características marcantes de seu estilo, como as formas orgânicas, o concreto armado e os mosaicos e, o “Museu de Arte da Pampulha” que mostra a influência da arquitetura modernista e da “Vila Savoye” de Le Corbusier com seus pilotis, sistema construtivo em que uma edificação é sustentada através de uma grelha de pilares em seu pavimento térreo e, grandes janelas.

Em 1956, é convidado pelo agora então presidente Juscelino Kubitschek, a criar um plano piloto para o que seria a nova capital do Brasil: Brasília. Com este plano urbanístico e arquitetônico, feito em parceria com seu ex-chefe, agora parceiro Lúcio Costa, Niemeyer alcança seu estilo definitivo desenhando prédios com linhas finas e orgânicas, grandes vãos, concreto armado, entradas estreitas para interiores grandiosos e monumentais, como pudesse ver no “Palácio do Planalto” (Figura 1) e a “Igreja da Pampulha” (Figura 2) que segundo Max Bill (1954) é resultado de “um barroquismo excessivo que não pertence nem à arquitetura nem a escultura” (apud MAYER, 2003, p.57).

FIGURA 1 – Palácio do Planalto – Oscar Niemeyer, 1958



FIGURA 2 – Igreja da Pampulha – Oscar Niemeyer, 1943

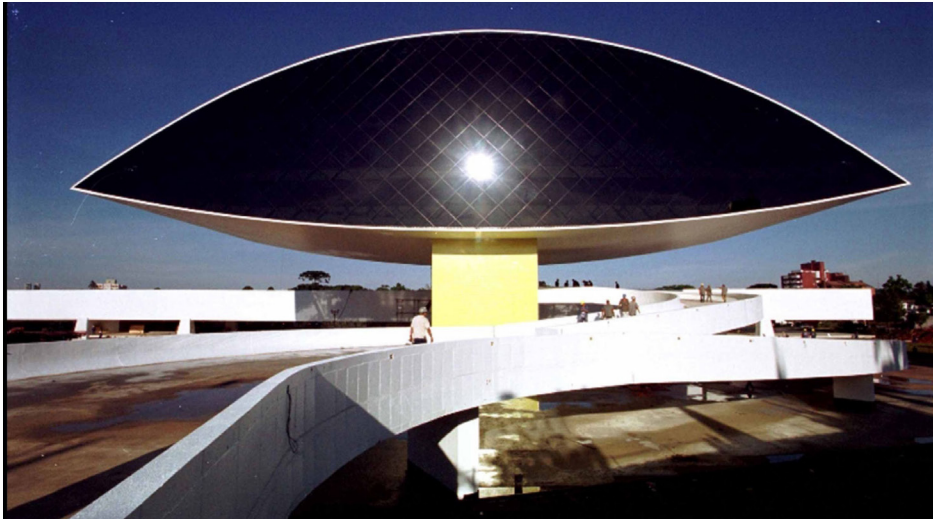


Observa-se muito da influência da Bauhaus em obras dele como o “Museu de Arte Contemporânea de Niterói” (Figura 3) de 1996, com suas formas circulares bem definidas e suas cores em maioria neutras mais ainda sim contendo um vermelho muito forte e chamativo em sua entrada, como SIMONE GONÇALVES evidencia “O acesso principal ao museu de Niterói é feito por uma rampa sinuosa com piso vermelho. Mais do que um caminho, ela é um elemento escultórico” (2010, p.171). O mesmo pode se falar para o “Museu Oscar Niemeyer” (Figura 4) que traz em seu corpo central um tom de amarelo único e dominante, “As fachadas da torre são recobertas por cerâmica amarela, em que foram impressos na cor preta dois desenhos feitos por Niemeyer: um croqui das rampas e um croqui de uma mulher, apelidada de “a bailarina” (GONÇALVES, 2010, p.217).

FIGURA 3 – Museu de Arte Contemporânea de Niterói – Oscar Niemeyer, 1991



FIGURA 4 – Museu Oscar Niemeyer – Oscar Niemeyer, 2001



O arquiteto também se aventurou no design de móveis, fazendo a maior parte do mobiliário urbano do plano piloto de Brasília. Entre 1977 e 1978, em conjunto com sua filha Anna Maria Niemeyer, desenvolveu uma “Cadeira de Balanço” (Figura 5), feita de madeira curvada e com revestimento de palha lembrando muito a “Cadeira Modelo No. B32” de Marcel Breuer e, uma cadeira desenhada por Mies van der Rohe, ambos professores da Bauhaus. Podemos citar também a “Poltrona Alta” (Figura 6) e a “Banqueta Alta” (Figura 7), ambas de 1971, que sofrem influência da cadeira “Barcelona”, também de Mies van der Rohe em conjunto com Lilly Reich, em seus pés curvados e seu couro preto e sóbrio.

FIGURA 5 – Cadeira de Balanço – Oscar Niemeyer , 1977/78



FIGURA 6 – Poltrona Alta – Oscar Niemeyer , 1971



FIGURA 7 – Banqueta Alta – Oscar Niemeyer , 1971



Conclui-se que mesmo Niemeyer em muitos momentos discordando da visão de arquitetura da Bauhaus, não pode-se negar que ele dialogou artística, cultural e arquitetônica com a escola, assim como com seus mentores e parceiros Lúcio Costa, Le Corbusier, e tantos outros arquitetos e designers ao longo de seus mais de 100 anos de vida.

1.2 SÉRGIO RODRIGUES

Sérgio Rodrigues foi um arquiteto e designer brasileiro, nascido em 1927 no Rio de Janeiro. Ingressou na faculdade de arquitetura em 1947, na “Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil (FNA)”, no Rio de Janeiro. Em 1949, atuou como

professor assistente de David Xavier de Azambuja e em 1951 foi convidado pelo mesmo a participar da elaboração do projeto do “Centro Cívico de Curitiba” em parceria com os arquitetos Olavo Redig de Campos e Flávio Regis do Nascimento.

Rodrigues formou-se em 1951 e mudou-se para Curitiba, onde criou a “Móveis Artesanal Paranaense” com os irmãos Hauner. Em 1954 Sérgio recebe o convite para tocar o setor de criação da empresa de interiores “Forma S.A” em São Paulo. Em 1955, pede demissão da “Forma”, e volta ao Rio de Janeiro. Em 1955 fundou a “OCA”, espaço para produção e comercialização de design brasileiro.

De 1959 a 1960 Rodrigues se dedica aos estudos da “SR2 – Sistema de Industrialização de Elementos Modulados Pré-Fabricados para Construção de Arquitetura Habitacional em Madeira”. O sistema é utilizado na construção do “Iate Clube de Brasília” e de dois pavilhões de hospedagem e restaurante da “Universidade de Brasília (UnB)”, em 1962.

Em 1961 ganhou seu primeiro prêmio no “Concorso Internazionale Del Mobile”, em Cantù, na Itália. Essa premiação dá projeção internacional a sua carreira como designer de móveis. Uma peça sua é então produzida na Itália pela “ISA”, a poltrona foi exportada para vários países com o nome de Sheriff (Figura 8).

FIGURA 8 – Poltrona Mole/Sheriff – Sérgio Rodrigues, 1961



Em 1963 Rodrigues criou uma nova empresa, a “Meia Pataca”, seu objetivo era comercializar móveis produzidos em série e a preços acessíveis. A empresa mantém-se no mercado até 1968 e neste mesmo ano, vende também a “OCA” e começa a prestar

serviço de design de interiores no Rio de Janeiro. Nessa época ele faz o projeto para o “Banco Central de Brasília” e a “Sede da Editora Block”.

Ganhou outros prêmios e teve seu nome reconhecido como um dos grandes do design brasileiro. Apesar de não ter estudado na Bauhaus e não dialogar diretamente com obras da escola, Sérgio Rodrigues trouxe para sua obra o pensamento da produção em série e os estudos sobre processos produtivos, o que o aproxima do design modernista e da visão sobre produção de design instituídos pela escola alemã. Para o design brasileiro, a criação da “OCA”, mostrou que é possível termos móveis de design, inspirados nos materiais brasileiros e na nossa cultura, a um preço mais acessível e com o uso da produção em série.

Outras peças muito conhecidas do design de móveis de Sérgio Rodrigues são a “poltrona Chifruda” (Figura 9) e a “Poltrona Diz” (Figura 10).

FIGURA 9 – Poltrona Chifruda – Sérgio Rodrigues, 1962 :



FIGURA 10 – Poltrona Diz – Sérgio Rodrigues, 2001



1.3 JOAQUIM TENREIRO

Joaquim Albuquerque Tenreiro mais conhecido como Joaquim Tenreiro nasceu em 1906 em Gouveia, em Portugal e morreu em 1992 em Itapira, São Paulo. Mudou-se de Portugal para o Brasil em 1908 onde ficou até 1922, quando retornou para Portugal para ajudar seu pai em sua marcenaria. Após casar, em 1928, ele decide mudar-se novamente para o Brasil, onde se fixou de vez. Pouco tempo após a mudança, ele ingressa no “Liceu Literário Português” onde frequenta aulas de desenho, mais tarde faz cursos diversos no “Liceu de Artes e Ofícios” onde produz pinturas de retrato, paisagens e natureza-mortas.

Entre 1933 e 1943, ele trabalha como designer de móveis nas empresas “Laubissh & Hirth, Leandro Martins e Francisco Gomes”, onde, ele mesmo em entrevista dada ao programa “Arte é Investimento” da TV Corcovado em 1988, afirma “Nas firmas que trabalhei nunca criei nada, eu fiz apenas móveis de estilo”. Em 1942 realiza para a residência de Francisco Inácio Peixoto, que tinha projeto de Oscar Niemeyer, sua primeira linha de móveis inspirada na arquitetura modernista da casa. O design é leve e elegante, em especial uma espreguiçadeira trançada em couro azul (Figura 11) que BLEICH (2016 p. 41) descreve como “a leveza de peças sem ornamentos, a organicidade das curvas, as texturas das madeiras e dos traços de couro.”

FIGURA 11 – Poltrona Leve em ferro – Joaquim Tenreiro, 1942



No ano seguinte monta seu próprio atelier, o “Langenbach & Tenreiro” e alguns anos depois, inaugura duas lojas de móveis, sendo uma no Rio de Janeiro e mais tarde outra em São Paulo, neste período, foi contra o mercado moveleiro brasileiro da época que apenas copiava os estilos franceses e ingleses e investiu em um estilo de mobiliário mais leve, com a inserção de referências estéticas e matérias-primas nacionais, de execução artesanal.

Procurei fazer um móvel diferente daquele que se produzia. O móvel que até então se fazia, guardava vícios do passado. Eram pesados, desproporcionais tanto no assento como no encosto ou braços. Então criei um móvel mais leve, mais funcional e mais cômodo. Afinal, o móvel, como muitas outras coisas de uso humano, tinha que se adaptar aos tempos, tomar novos rumos (TENREIRO, Macedo, 1985, p. 45).

Tenreiro sofreu muita influência modernista em seus trabalhos, como podemos ver em algumas de suas principais obras como: a “Chaise Long de Embalo em Palhinha – 1947” (Figura 12) uma espreguiçadeira de balanço que Bleich (2016, p. 90) elenca como sendo peça que não pode ficar fora de análises e a descreve como sendo “uma composição de quadros de palhinha emolduradas em jacarandá que articulam para proporcionar conforto ao usuário e, graças a sua base curva, também possui um leve balanço”.

FIGURA 12 – Chaise Long de Embalo em Palhinha – Joaquim Tenreiro, 1947



Uma de suas primeiras obras a “Poltrona Leve” de 1943 (Figura 13), se compõem por seus pés e braços de madeira fina e escura e um estofado branco que leva do assento ao encosto uma única peça que Bleich (2016, p.57) caracteriza como sendo “Uma composição orgânica em todos os elementos”.

FIGURA 13 – Poltrona leve – Joaquim Tenreiro, 1943



E a “Banqueta em Jacarandá” de 1948 (Figura 14), composta por quatro pés de ferro que se projetavam de forma angulada e um acento em Marfim e Jacarandá com tons de marrom escuro e amarelo.

FIGURA 14 – Banqueta em Jacarandá – Joaquim Tenreiro, 1948



Podemos concluir que a defesa à produção artesanal de Tenreiro foi no sentido contrário aos princípios do movimento moderno, de produção em série, popularizado pela escola de artes Bauhaus. Esse pensamento tinha como um dos seus objetivos criar peças que fossem facilmente replicadas de forma industrial, perdendo o caráter de peça única vindo das “arts e Crafts” do design inglês pós era vitoriana. Entretanto, mesmo sendo contrário a industrialização, é nítido perceber que Tenreiro dialogou com o estilo do design modernista e incorporou isto em seus projetos com muita competência.

1.4 LINA BO BARDI

Lina Bo Bardi, Achlina Bo, foi uma arquiteta ítalo-brasileira com estilo modernista. Formada em arquitetura pela “Universidade de Roma”, Lina encontrou no Brasil uma nova forma de ver a arquitetura projetando espaços urbanos bem como projetos de design.

Durante o tempo em que morou na Itália participou da criação de diversas revistas de arquitetura e foi colunista de muitas delas tendo em sua maioria seus trabalhos de forma teórica. Seu trabalho mais famoso no setor editorial é a revista “Cultura de La Vita”.

Em 1946 Lina visita o Brasil e se apaixona por nosso país, resolvendo então mudar-se para cá e, em 1951 naturaliza-se brasileira. A princípio morou no Rio de Janeiro e após mudou-se para São Paulo. Seu estilo era livre e moderno, diferente do que havia no Brasil naquela época.

Em 1950 cria a “Revista Habitat” e, em 1951 projetou sua casa, chamada a “Casa de Vidro, em São Paulo, no bairro do Morumbi. Essa casa que era grande, de vidro,

irreverente e de certa forma futurista, foi um marco para Lina e tornou-se um de seus trabalhos mais importantes. Lina viu sua carreira decolando no Brasil, projetou o “MASP – Museu de Arte de São Paulo”, fundou ao lado de Pietro Maria Bardi e Jacob Ruchti o “Instituto de Arte Contemporânea (IAC)” dentro do “Museu de Arte Contemporânea”. O instituto foi a primeira escola de desenho industrial do Brasil e foi livremente influenciada pela Bauhaus.

A Bauhaus tinha como característica um estilo moderno, com linhas retas, uso de materiais alternativos como o aço, couro e ferro e Lina aplicou isso muito bem em seus designs. Para o MASP Lina desenvolveu algumas peças de design, que são cadeiras de auditório, dobráveis e empilháveis (Figura 15).

FIGURA 15 – Cadeira dobrável e empilhável – Lina Bo Bardi, 1947



Ela foi a arquiteta responsável também pela revitalização de uma fábrica que seria utilizada como sede do “SESC Pompéia”, que posteriormente se transformou em um ícone da arquitetura brasileira. Para seu interior ela projetou a cadeira Frei Egídio (Figura 16). Sobre esse espaço a própria Lina disse

Meu grande amigo Eduardo Subirats, filósofo e poeta, diz que o conjunto da Pompéia tem um poderoso teor expressionista. É verdade e isso vem de minha formação européia. Mas eu nunca esqueço o surrealismo do povo brasileiro, suas invenções, seu prazer em ficar todos juntos, de dançar, cantar. Assim dediquei o meu trabalho da Pompéia aos jovens, às crianças, à terceira idade: todos juntos (BARDI, Lina Bo in Casa Vogue, 1986. p 134).

FIGURA 16 – Cadeira Frei Egídio – Lina Bo Bardi, 1988



Ela foi uma grande influência para o design brasileiro e continua influenciando hoje. Sua ousadia projetual, o uso de elementos da cultura brasileira, dos materiais disponíveis e sua capacidade de alinhar isso tudo a um design leve e modernista ainda é objeto de diálogo com inúmeros arquitetos e designers brasileiros. Um exemplo de sua influência em nosso design é a “Cadeira Bowl” (Figura 17). O design da cadeira foi seguido pelo da “Poltrona Bowl” que deu a ela visibilidade internacional como desenhista industrial (Figura 18).

FIGURA 17 – Cadeira Bowl – Lina Bo Bardi, 1950



FIGURA 18 – Bowl – Ironic Design Armchair by Arper, 2012



Lina sabia que o Brasil ainda tinha muito a oferecer, o Brasil era visto por ela como um país rico em história e belezas naturais. Ao se mudar para a Bahia, a fim de lecionar na “Escola de Belas Artes” ela dirigiu o “Museu Solar do Unhão” e projetou e dirigiu sua restauração.

Nem todas as culturas são ricas, nem todas são herdeiras diretas de grandes sedimentações. Cavocar profundamente numa civilização, a mais simples, a mais pobre, chegar até suas raízes populares, é compreender a história de um país. E um país cuja base está na cultura do povo é um país de enormes possibilidades (BARDI, Lina Bo in A Tarde Cultural, 1993).

Na Bahia, ela fundou uma pequena fábrica de móveis chamada “Pau Brasil” e desenhou peças de design para o catálogo do “Stúdio de Arte Palma” juntamente com o arquiteto Geancarlo Palanti. Lina descobriu no nordeste a riqueza dos materiais brasileiros. Ela mesclava elementos naturais como vime, madeira e sisal com elementos industriais como o aço tubular muito presente na Bauhaus. O diferencial de seu design estava na simplicidade da forma aproveitando a beleza das matérias primas brasileiras. Outra característica de seu design era o uso em série, onde suas peças apresentavam encaixes e chapas.

Apesar de defender fielmente o artesanato brasileiro, ao voltar para São Paulo por causa dos militares e do contexto em que o Brasil se encontrava, Lina se abre para esse viés da produção em série mas sem deixar de lado a essência captada no nordeste,

da simplicidade, do feito a mão, e sem defender um design de mais valor para o Brasil, que deveria enxergar suas matérias primas como ricas e dar menos valor a artigos importados, já presentes naquela época. Em sua casa de vidro foram encontrados diversos móveis projetados por ela, mas que nunca haviam sido expostos a público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Bauhaus completa cem anos e vemos que apesar de seu pequeno tempo de funcionamento, sua filosofia permanece presente no fazer da arquitetura e do design. A possibilidade do uso de novos materiais pré-fabricados, as volumetrias simplificadas, o uso de formas geométricas como bases formais e o predomínio de linhas retas, foram inspiração para muitos arquitetos e designers de diversas gerações. Como verificamos neste trabalho, alguns expoentes da arquitetura e do design brasileiro dialogaram de forma intensa com a escola alemã de design moderno.

Oscar Niemeyer, talvez o mais conhecido arquiteto brasileiro no mundo, utilizou-se das formas básicas, das linhas e das cores da Bauhaus. Seus projetos tem uma marca inconfundível e apresentam elementos modernistas muito claros. Sergio Rodrigues e Joaquim Tenreiro, um brasileiro e outro português, influenciados pela cultura brasileira, utilizaram materiais encontrados na nossa natureza e projetaram formas baseadas em linhas simples dando energia e personalidade ao design de móveis brasileiro. Lina Bo Bardi, italiana com alma brasileira, discordando dos processos muito industrializados pregados pelo modernismo, criou peças que poderiam ser replicadas e moduladas no design e revolucionou a arquitetura brasileira compondo os espaços com maestria.

A visão funcionalista e moderna proposta pelos professores da Bauhaus ultrapassou os muros do tempo e do espaço e foi fonte criativa no meio da arquitetura do design. Os pontos de contato foram muitos como a criação projetual e o início da individualidade das duas áreas em nosso país. Atualmente, no design e na arquitetura contemporâneos, mais orgânicos e cheios de possibilidades, a Bauhaus permanece como fonte inspiradora e permite a discussão constante entre, materiais, funcionalidade, forma e criatividade.

REFERÊNCIAS

- ARTE é investimento. **TV Corcovado**, 25 out. 1988. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=V2l1ub2ADw8>>. Acesso em: 10 ago. 2019.
- BARDI, L. B. Pequenos cacós, fiapos e restos de civilizações. **A Tarde Cultural**, Salvador, out. 1993.
- BLEICH, M. C. **Joaquim Tenreiro: arte, técnica e história no mobiliário brasileiro**. 2016. 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016.
- _____. Joaquim Tenreiro: mobiliário moderno artesanal. In: COLÓQUIO BRASIL – PORTUGAL, 4., 2016, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2016.
- BORGES, A. **Sergio Rodrigues**. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2005.
- _____. **Sergio Rodrigues**. 2. ed. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2007.
- BURDEK, B. E. **História, teoria e prática do design de produtos**. São Paulo: E. Blucher, 2006.
- COSULICH, R. de M. **Lina Bo Bardi, do pré artesanato ao design**. 2007. 157 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Instituto Presbiteriano Mackenzie, São Paulo, 2007.
- DROST, M. **Bauhaus**. Londres: Taschen, UK, 2006.
- ETEL DESIGN. **Página inicial**. Disponível em: <<http://etel.design>>. Acesso em: 10 ago. 2019.
- FEIERABEND, P.; FIEDLER, J. **Bauhaus**. Berlim: Tandem, 2006.
- FERRAZ, M. de C. **Lina Bo Bardi**. Milão: Charta; Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1994.
- FORGACS, E. **The Bauhaus idea and Bauhaus politics**. Toronto: Central European Uni, 2013.
- FUNDAÇÃO OSCAR NIEMEYER. **Página inicial**. Disponível em: <<http://www.niemeyer.org.br>>. Acesso em: 10 ago. 2019.
- GALVÃO, T. N. **Sergio Rodrigues: arquiteto e desenhista de móvel**. 2001. 130 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- GUIMARÃES, L. Influências da Bauhaus no Brasil. **Novidades e Inspirações**, 08 mar. 19. Disponível em: <<https://donatoviagens.com.br/influencias-da-arquitetura-bauhaus-no-brasil>>. Acesso em: 10 ago. 2019.
- GONÇALVES, S. N. L. **Museus projetados por Oscar Niemeyer de 1951 a 2006: o programa como coadjuvante**. 2010. 325 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- HARADA, A.C. A leveza do mobiliário de Lina Bo Bardi nos espaços de Casacor. **Casacor**, jan. 2018. Disponível em: <<https://casacor.abril.com.br/ambientes/a-leveza-do-mobiliario-de-lina-bo-bardi-nos-espacos-de-casacor>>. Acesso em: 10 ago. 2019.
- INSTITUTO SERGIO RODRIGUES. **Página inicial**. Disponível em: <<http://www.institutosergirodrigues.com.br>>. Acesso em: 10 ago. 2019.
- ITAÚ CULTURAL. **Joaquim Tenreiro**. 2017. Disponível em: <<https://www.escriitoriodearte.com/artista/joaquim-tenreiro>>. Acesso em: 10 ago. 2019.

JOAQUIM Tenreiro. **Wikipedia**, set. 2019. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Joaquim_Tenreiro>. Acesso em: 10 ago. 2019.

LINA BO BARDI, 50min. Brasil, 1993. Direção: Aurélio Michiles. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YBIK0-17VFO>>. Acesso em: 10 ago. 2019.

LÚCIO Costa. **Wikipedia**, set. 2019. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%BAcio_Costa>. Acesso em: 10 ago. 2019.

MAYER, R. **A linguagem de Oscar Niemeyer**. 2003. 210 f. Dissertação (Pós-Graduação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

MOSTRA revela design de Lina Bo Bardi. **Casa**, out. 2014. Disponível em: <<https://casavogue.globo.com/MostrasExpos/Design/noticia/2014/10/mostra-revela-design-de-lina-bo-bardi.html>>. Acesso em: 10 ago. 2019.

OSCAR Niemeyer. **Wikipedia**, set. 2019. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Oscar_Niemeyer>. Acesso em: 10 ago. 2019.

PEREIRA, J. R. A. **Introdução à história da Arquitetura das origens ao século XXI**. São Paulo: Bookman, 2010.

POLTRONA mole de Sergio Rodrigues: desvendando a história. **Rolê Design**, set. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u4W_-3zojoA>. Acesso em: 10 ago. 2019.

RODRIGUES, S. Documentação complementar: fortuna crítica. **Casa e Jardim**, mar. 1966. Disponível em: <<http://www.institutosergiorodrigues.com.br/Projetos/15/Documentacao-complementar>>. Acesso em: 10 ago. 2019.

_____. Sergio Rodrigues por ele mesmo. **Casa e Jardim**, São Paulo, n. 717, out. 2014.

SABOYA, G. de. **Entrevista com Sergio Rodrigues**. Mar. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=s6wKqbRll30>>. Acesso em: 10 ago. 2019.

SANTOS, M. C. L. dos. **Móvel Moderno no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel.

SMOCK, W. **The Bauhaus ideal then and now: an illustrated guide to modern design**. Chicago: Chicago Review, 2014.

SOUZA, E. Em foco: Lucio Cósta. **Arch Daily**, fev. 2019. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/806185/em-foco-lucio-costa>>. Acesso em: 10 ago. 2019.

VIDA e obra de Lina Bo Bardi. **Iceberg Arquitetura**, dez. 18. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FZFcoZdQ6AE>>. Acesso em: 10 ago. 2019.

VILELA, V. Oscar Niemeyer e a Bauhaus mais semelhanças que desavenças. **Goethe Institut**, 2018. Disponível em: <<https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/fok/bau/21385377.html>>. Acesso em: 10 ago. 2019.